

SALVAR O CÔA: O MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA A SALVAGUARDA DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA

por

Mila Simões de Abreu*

Talvez nunca tenha havido um movimento em Portugal como aquele pela salvaguarda da arte rupestre do Vale do Côa. Ao longo de um ano a contestação contra a construção da barragem e em favor das gravuras foi subindo de tom.

Primeiro foram os arqueólogos a levantar a voz mas com o passar do tempo o *Movimento* foi abrangendo toda a sociedade portuguesa. Atravessou partidos, classes, grupos económicos, interesses culturais e gerações. Durante doze meses houve encontros, debates, conferências, manifestações, abaixo-assinados, petições, discussões no parlamento e visitas de políticos. Escreveram-se cartas de protesto, manifestos, documentos e centenas de artigos de jornais. Fizeram-se exposições, concertos, acampamentos, jejuns, videos, pinturas murais, programas de rádio e de televisão. Entre as 30.000 assinaturas recolhidas durante o jejum de protesto à frente dos Jerónimos figuravam, é verdade, os maiores nomes do panorama cultural Português mas estavam acompanhadas por milhares de nomes anónimos de portuguesas e portugueses que pediam para que as obras de construção da barragem fossem suspensas e que fosse criado um Parque Arqueológico no Vale do Côa. No campo político não foi só o Presidente da República, Mário Soares que defendeu as gravuras. Do mesmo lado vimos deputados de todas as bancadas como Eurico Figueiredo (PS), Nuno Ribeiro da Silva (PSD), Paulo Velez (PCP), José Queiró (CDS-PP), Heloisa Apolónia (Verdes) e Mário Tomé (UDP). Até o Ministro dos Negócios Estrangeiros, do então Governo de Cavaco Silva, Durão Barroso manifestou-se pela conservação das obras Paleolíticas. Os próprios defensores da barragem (o ex-Ministro Mira Amaral, o Presidente de Vila Nova de Foz Côa, os administradores da EDP...) nunca tiveram coragem de ir para além de

* Arqueóloga, especialista de arte rupestre. Representante portuguesa da IFRAO.

propor a absurda teoria da chamada «solução de compromisso». Poucos foram os que afirmaram que as gravuras não constituíam um património cultural de inegado valor, o qual valia a pena salvar. Nunca se falou tanto de arqueologia e poucos argumentos culturais apaixonaram tanto a opinião pública portuguesa. Mas o *Movimento para a Salvaguarda da Arte Rupestre do Vale do Côa* foi também um grande *Movimento* de solidariedade internacional. Em nenhuma outra ocasião (nem, infelizmente, por Timor) pessoas de todo o mundo participaram numa campanha que, como esta, tinha a ver com Portugal. Jamais o Mundo se levantou de tal forma para defender o que quer que fosse do nosso País.

Durante um ano, por causa do Côa, o nome de Portugal ocupou espaço nos jornais e nas televisões mais importantes do Mundo. Quantas vezes o *Herald Tribune* dedicou a sua primeira página a um assunto Português? Quantas vezes a *BBC* falou de um assunto cultural de Portugal no seu *Telejornal*?

Agora, que a decisão justa foi tomada, o prestigioso *Times* de Londres agradeceu, num editorial, ao Primeiro-Ministro António Guterres ter tomado a decisão de suspender a construção da barragem.

Todos os que participaram nesta luta nunca esqueceram o apoio que durante um ano veio do estrangeiro. Os Portugueses não devem deixar de se lembrar daqueles que em muitas partes do Mundo fizeram parte do *Movimento Internacional para a Salvaguarda da Arte Rupestre do Vale do Côa*.

O MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA A SALVAGUARDA DA ARTE RUPESTRE DO CÔA

Através da sua representante em Portugal, a IFRAO, a *International Federation of Rock Art Organizations* denuncia a ocultação da descoberta das gravuras rupestres do Côa e o perigo que representa para a sua conservação a construção da barragem. Logo que foram alertados do que se passava no Vale do Côa numerosos investigadores tomaram imediatamente posição. No dia 11 de Novembro, com informações ainda muito fragmentárias sobre as gravuras, Paul Bahn escreve «(...) *the new discovery sounds fascinating! And potentially very important. (...)*». Nesse mesmo dia, da Itália, Angelo Fossati e Andrea Arcà enviam mensagens dizendo «*si tratta di un sito eccezionale interesse archeologico in quanto vi si trovano figurazioni zoomorfe incise su rocce all'aria aperta, istoriazioni che ricordano lo stile delle pitture della grotta di Lascaux. (...) È necessario che questo sito sia studiato da una équipe internazionale (...) e fare sì che venga impedita la costruzione di una diga che dovrebbe ricoprire per sempre le rocce incise. (...)*». Do outro lado do mundo, na América, Benjamim Swartz manda um fax alertando: «*Long terms implications should be considered. The*

likely effect of expanded turismo and national notoriety may be of more importance than immediate hydroelectric development(...)». Quando em 29 de Novembro, Eurico de Figueiredo faz, na Assembleia da República, a primeira conferência de imprensa entrega aos jornalistas já uma longa série de cartas — dirigidas ao Presidente da República — apelando para a suspensão da obra. Entre elas contam-se a de Dario Seglie, Presidente da IFRAO dizendo «(...) *Le trasmetto illustrissimo Presidente il più pressante appello per la salvaguardia, lo studio e la valorizzazione del sito di Vila Nova de Foz Côa(...)*». O protesto do mundo dos investigadores de arte rupestre levanta voo.

Essas pressões internacionais fazem-se sentir de tal forma que o IPPAR conjuntamente com a EDP chama a Portugal, nos dias 14-17 de Dezembro de 1994, Jean Clottes, Presidente do *International Committee on Rock Art. CARICOMOS*. Apesar de, em 30 de Novembro, ter escrito numa carta dirigida a Mário Soares, «(...) *if it were covered under many meters of water, it would be destroyed and this would be a terrible loss(...)*». Clottes muda de opinião, e talvez influenciado por alguns técnicos portugueses, afirma que para as gravuras talvez seja melhor ficarem cobertas de água a serem vandalizadas...

Em 18 de Dezembro, Paul Bahn conjuntamente com Tim Rayment, escreve no *Sunday Times* de Londres, o primeiro artigo sobre o escândalo do Côa publicado no estrangeiro, intitulado «*Dam scandal threatens Ice Age art treasures*». Nesses dias Bahn grava para a *BBC World Service* uma mensagem descrevendo a descoberta e a sua problemática. Em 27 de Dezembro o prestigioso *New York Times*, por mão de Marlise Simons, intitula a toda a página *Vast Stone Age Art Gallery is Found But Dam May Flood It*. A notícia espalhou-se por todo o Mundo.

O ano de 1995 começa com a visita de Paul Bahn, Angelo Fossati e Andrea Arcà ao Vale do Côa. A partir daí estes especialistas de arte rupestre tornam-se nos grandes embaixadores da causa. Paul Bahn profere a primeira conferência fora de Portugal sobre o Côa e sensibiliza os americanos para o problema. Fossati e Arcà fundam o *Movimento per la salvaguardia dell'arte rupestre del Fiume Còa* que durante meses recolherá, em Itália, milhares de assinaturas.

Depois dos primeiros dramáticos meses e da intensa campanha internacional em jornais e revistas de prestígio como por exemplo o *Time Magazine*, o *Le Monde* e o *Globo*, o *Movimento Internacional* cresce em número e em acções.

Os emigrantes portugueses pela mão de João Crisóstomo criam em Nova York o *Save the Còa Movement*. Por diversas vezes, incluindo o dia de Portugal, os nossos compatriotas manifestam-se em frente do edifício das Nações Unidas pedindo a suspensão dos trabalhos da barragem. Com as suas acções conseguem, por exemplo, que Patrick Kennedy, do Congresso Americano, escreva a Soares.

Se houve, porém, órgão de informação internacional que se tornou no eco das nossas preocupações, esse, foi o *Times* de Londres. Através da pena de Eduard

Owen, o conceituado e conservador jornal londrino publicou diversos (e sempre oportunos) artigos e editoriais sobre o caso Côa.

Com a ajuda de António Guerreiro em Portugal e Francisco Almeida no Texas, o Côa entra na *Internet*. A *rock Art list* distribui, entre dezenas de investigadores de arte rupestre no mundo, notícias sobre o Côa. As gravuras viajam através do ciberespaço.

Durante um ano o apoio ao *Movimento* traduziu-se em mil pequenas maneiras. Como não lembrar Jane Kolber do Arizona que escreveu aos amigos a pedir que ajudassem economicamente o Movimento? Ou Hugh Cairns, da Austrália que estando na Escócia e lendo a notícia da greve de fome de protesto em frente dos Jerónimos, apanhou o avião e veio dar-nos o seu apoio moral. E Graham Jenkins que mesmo às portas da morte leu o editorial do *Times* e escreveu (referindo-se às hipotéticas datações directas) «(...) *Their work is unreliable and you should ignore their ³⁶Cl dates (...)*». Uma menção especial vai também para Stuart Reevel que depois da sua visita em Junho ao Côa, movimentou em Inglaterra uma campanha de apoio ao Côa, sem igual. Conseguir que os mais prestigiosos nomes da arqueologia britânica tomassem posição como o fez, por exemplo, até através dos jornais, Lord Colin Renfrew.

Infelizmente do estrangeiro também vieram aqueles que sonhando talvez numa hipotética glória pessoal não hesitaram em contestar as opiniões dos maiores especialistas mundiais. A verdade prevaleceu e os seus nomes devem talvez nem sequer ser lembrados.

Durante todo este ano houve alguém que não sendo nascido em Portugal e portanto sendo *estrangeiro* merece aqui também ser mencionado. Ludwig Jaffe, inglês, especialista em arte rupestre, durante meses deu todo o seu esforço à causa do Côa. Escreveu centenas de cartas e tranquilamente teceu muitos dos contactos. Participou em todas as actividades do *Movimento*. Fez jejum em frente dos Jerónimos representando simbolicamente todos os que espalhados pelo Mundo ali queriam estar connosco. A sua modéstia fez com que fosse pouco notado mas o seu trabalho foi essencial para o movimento do Côa.

Jamais esqueceremos os colegas, conhecidos e desconhecidos, que nos ajudaram. Portugal tem uma grande dívida para todos aqueles que com os seus actos, acções a palavras ajudaram para que a construção da barragem fosse suspensa. A todos, no mundo, aqui vai o nosso obrigada.

Agora contamos com eles para tornar o sonho do Parque Arqueológico do Côa uma realidade.

O Movimento Português recebeu durante um ano numerosas cartas de apoio. Aqui vão os nomes de todos os que conseguimos lembrar. Perdoar-me-ão os esquecidos:

Andrea Arcà, Itália; Dúsko Aleksovki, Macedónia; Paul Bahn, Inglaterra; Massimo Baistrocchi, Itália; Rodrigo Balbin, Espanha; Robert Bednarik, Austrália; Frank & A. J. Bock, E.U.A.; Richard Bradley, Inglaterra; Primitiva Bueno, Espanha; Gian Maria Cametti, Itália; M. O. H. Carver, Inglaterra; Stefania Cassini, Itália; Arminée Chahbazin, E.U.A.; Christopher Chippindale, Inglaterra; Jean Clottes, França; Francis & Robert Connick, E.U.A.; Barry Cunliffe, Inglaterra; Tomothy Darvill, Inglaterra; Claire Dean, E.U.A.; Raffaele De Marinis, Itália; Marc Denhez, Canadá; Thomas Dowson, África do Sul; Francesco Fedele, Itália; Josephine Flood, Inglaterra; Angelo Fossati, Itália; Patrizia Frontini, Itália; D. R. Harris, Inglaterra; William Hyder, E.U.A.; Alan Hutchison, E.U.A.; Johanson, E.U.A.; Graham Jenkins, País de Gales; Patrick Kennedy, E.U.A.; Christopher Knüsel, Inglaterra; Jane Kolber, E.U.A.; Jürgen Kretschmer, Alemanha; Giririj Kumar, Índia; Roy Querejazu Lewis, Bolívia; David Loeffler, Suécia; Lawrence Loendorf, E.U.A.; Michel Lorblanchet, França; Keller Lucas, Brasil; Fidelis Masao, Tanzânia; Paul Mellars, Inglaterra; Nola Montgomery, E.U.A.; Carlos Motta, Brasil; D. J. Mulvaney, Austrália; A. Muzzolini, França; Arcadi Nebolsine, E.U.A.; Sven Ouzman, África do Sul; Shirley-Ann Pager, África do Sul; Maria Angeles Querol, Espanha; Stuart Reevel, Inglaterra; Colin Renfrew, Inglaterra; Peter Rowley-Conwy, Inglaterra; Dominique Sacchi, França; Polly Schaafsma, E.U.A.; Dario Seglie, Itália; Claire Smith, Austrália; Lucas Smits, Holanda; Jack Steinbring, Canadá; Lawrence Straus, Inglaterra; Benjamin Swartz, E.U.A.; Denis Vialou, França; Steve Waller, E.U.A.; P. M. Warren, Inglaterra; Thomas Wyrwoll, Alemanha; Nancy Zeno, E.U.A.; Christian Züchner, Alemanha.